



Comunicação
de Pesquisa

Estrabão

Vol. (7): 40 - 53

© Autores

DOI: 10.53455/re.v7i.282



Recebido em: 26/01/2026

Publicado em: 06/02/2026

Multiletramentos na Cartografia Escolar: Pensando estratégias pedagógicas para uma escola de educação básica de Timbó, Santa Catarina

Multiliteracies in School Cartography: Pedagogical strategies for a basic education school in Timbó, Santa Catarina

Douglas Kaucz^{1A}, Natália Lampert Batista

Resumo:

Contexto: Esta pesquisa partiu do pressuposto de que os mapas, ao comunicarem, demandavam tanto a compreensão de seus elementos constitutivos quanto uma leitura crítica de suas intencionalidades. Com o avanço dos mapas digitais, interativos e colaborativos, os usuários passaram a ocupar também o lugar de autores capazes de subverter perspectivas tradicionais, o que repercutiu diretamente no ensino de Geografia. **Métodos:** O estudo buscou compreender de que modo os mapas híbridos e multimodais contribuíram para a Cartografia Escolar e para o desenvolvimento do pensamento geográfico nas aulas de Geografia da Escola de Educação Básica Ruy Barbosa, em Timbó, SC. A metodologia, de natureza básica e translacional, articulou a produção de conhecimento e a aplicação prática. Os estudantes criaram mapas digitais representativos de seus bairros e/ou da cidade, explorando conceitos geográficos a partir de suas próprias vivências. **Resultados:** O produto final consistiu em um mapa digital que auxiliou na análise do lugar, favorecendo um aprendizado contextualizado. Assim, a pesquisa procurou fomentar um pensamento geográfico crítico, situado e integrado ao cotidiano dos alunos por meio do uso de mapas híbridos e multimodais.

Palavras-Chave: Ensino de Geografia; Interatividade; Mapas Digitais; PROFGEO.

Abstract:

Context: This research was based on the assumption that maps, when communicating, required both an understanding of their constituent elements and a critical reading of their intentionalities. With the advancement of digital, interactive, and collaborative maps, users also began to occupy the position of authors capable of subverting traditional perspectives, which directly impacted Geography teaching. **Methods:** The study sought to understand how hybrid and multimodal maps contributed to School Cartography and the development of geographic thinking in Geography classes at Ruy Barbosa Basic Education School in Timbó, SC. The methodology, of a basic and translational nature, articulated knowledge production and practical application. Students created digital maps representing their neighborhoods and/or city, exploring geographic concepts from their own experiences. **Results:** The final product consisted of a digital map that aided in place analysis, favoring contextualized learning. Thus, the research sought to foster critical geographic thinking, situated and integrated into students' daily lives through the use of hybrid and multimodal maps.

Keywords: Teaching Geography; Interactivity; Digital Maps; PROFGEO.

1 - Professor de Geografia e discente do Mestrado em Ensino de Geografia em Rede Nacional (PROFGEO)

A - Contato principal: douglaskaucz@outlook.com

Introdução

O ensino por meio de mapas é fundamental na Geografia escolar, mas muitas vezes é subutilizado como mera ilustração dos conteúdos, não contribuindo para a interpretação do mundo (Lima, 2024; Lobato, 2020; Batista, 2019). A falta de compreensão adequada da linguagem cartográfica prejudica a leitura dos mapas, limitando seu potencial para a análise do espaço geográfico e tornando-se simplificada em relação às suas potencialidades. Para superar essa dificuldade, é essencial que os estudantes compreendam os elementos cartográficos, como título, legenda, escala e rosa dos ventos, bem como a função e intencionalidade dessa linguagem, tornando-se leitores e produtores conscientes de mapas (Simielli, 1999).

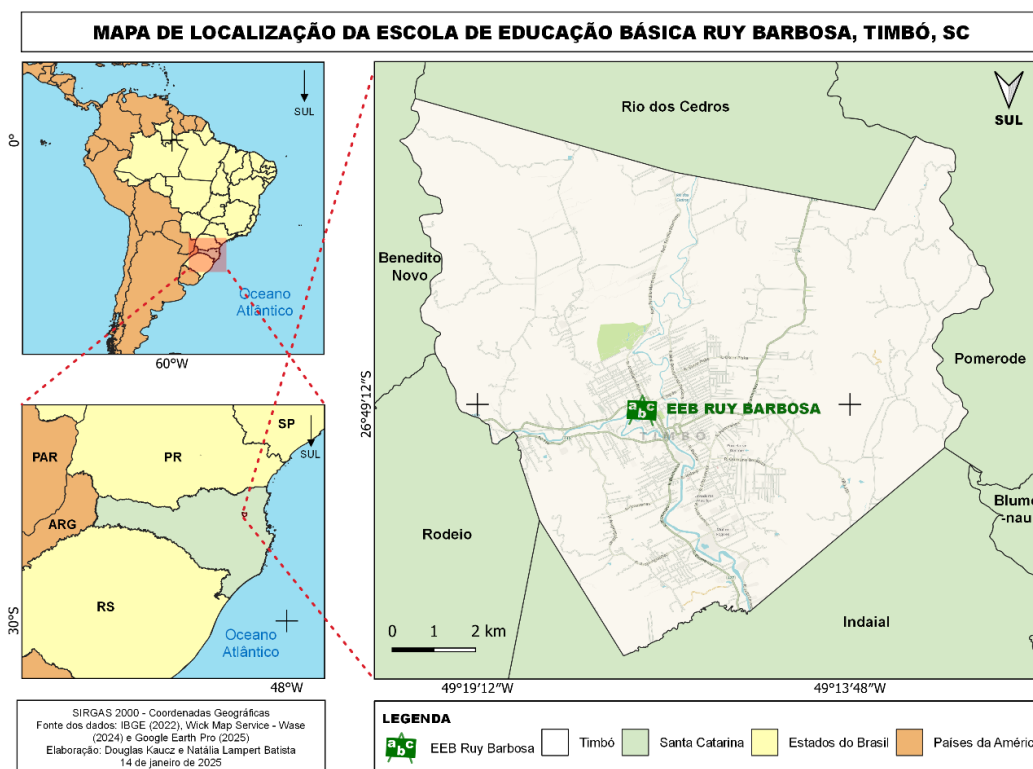
Os mapas não são apenas representações do mundo, mas formas de comunicação que registram a realidade vivida e ausente, a história e a cultura de um povo (Lobato, 2020). Além de sua função tradicional, a cartografia se transforma com as tecnologias digitais, permitindo que qualquer pessoa crie mapas interativos e colaborativos. Ferramentas digitais possibilitam novas formas de mapeamento, rompendo com a linearidade e oferecendo abordagens híbridas e multimodais que estimulam uma compreensão mais dinâmica do espaço, como abordam Canto (2014), Gracioli (2017), Batista (2019) e Lima (2024). Rizzatti et al (2025) também trazem dados a respeito das teses que abordam as temáticas da Cartografia Escolar e demonstram a diversidade de enfoques que reforçam a necessidade de pensar os mapas junto ao ensino de Geografia.

Com a popularização dos smartphones e das redes sociais, os mapas digitais tornaram-se parte do cotidiano dos estudantes, influenciando sua percepção do espaço (Habowski, 2024). A escola pode aproveitar essa presença constante dos mapas para ensinar Geografia de forma mais crítica e significativa. Utilizar mapas híbridos e multimodais permite explorar diferentes linguagens e perspectivas, favorecendo uma leitura mais aprofundada da realidade local e global (Batista, 2019).

Nesse sentido, esta pesquisa se insere no esforço de compreender como os estudantes utilizam os mapas em seu cotidiano e também de que maneira podem criar representações próprias de seus espaços, trazendo para o centro do processo educativo suas vivências e percepções. A proposta parte do uso de tecnologias digitais para o desenvolvimento de mapas multimodais que aproximam o local do global e permitem que o aluno se torne autor de novas formas de ler e representar o mundo. Ao construir esses mapas, os estudantes são convidados a exercitar o pensamento geográfico de maneira situada, conectando conceitos escolares ao cotidiano e produzindo leituras mais complexas de seus territórios. Como destaca Savian, “as Cartografias permitem representar conhecimentos de comunidades, localizar, informar, subsidiar análises, auxiliar no processo de ensino-aprendizagem de alunas e alunos” (2025, p. 37), reforçando o potencial formativo e crítico dessa prática.

O presente artigo constitui um recorte dos resultados obtidos ao longo das atividades desenvolvidas durante a construção da Dissertação, vinculada ao Mestrado Profissional em Ensino de Geografia em Rede Nacional (PROFGEO), de autoria do primeiro autor, realizada no ano de 2025. As atividades de aplicação, relacionadas à elaboração de mapas multimodais e híbridos, foram desenvolvidas no segundo semestre de 2025 com uma turma de 2ª série do Ensino Médio de uma escola pública do município de Timbó, SC (Figura 1), que participou ativamente das etapas propostas e contribuiu para a análise aqui apresentada.

Figura 1: Mapa de localização da EEB Ruy Barbosa em Timbó/SC.



Org.: Autores, 2024.

O intuito dessa abordagem passa pela promoção de uma aprendizagem significativa e crítica, que seja capaz de conectar o conteúdo escolar ao cotidiano dos estudantes. Assim, esta pesquisa buscou compreender de que maneira os estudantes podem desenvolver o pensamento geográfico ao partir da perspectiva do lugar e utilizar tecnologias digitais para construir mapas híbridos e multimodais sobre a cidade ou o bairro em que vivem. O objetivo foi contribuir para o desenvolvimento do pensamento geográfico, a partir da construção de mapas híbridos e multimodais, que abordem o lugar de vivência dos estudantes, articulando conceitos cartográficos, ferramentas digitais e a pedagogia dos multiletramentos. Portanto, essa aplicação integrou o produto educacional desenvolvido no âmbito do PROFGEO e constituiu a base empírica para as reflexões apresentadas neste artigo.

Perspectivas teóricas: Multiletramentos e o Ensino de Geografia

O ensino de Geografia deve permitir ao estudante “pensar geograficamente” (Cavalcanti, 2019, p. 64), compreendendo a relação entre os fenômenos estudados e seu cotidiano. Para isso, a escolha dos conteúdos deve ser significativa, partindo do estudo do lugar como um ponto de partida propício ao docente para iniciar um tema proposto. A possibilidade de integrar a análise do espaço partindo da realidade direta do estudante, da escala local para a regional e global, tecendo redes e conexões para relacionar os eventos de modo multiescalar (Godoi e Oliveira, 2023) podem contribuir com o desenvolvimento e apreensão dos conceitos pelos discentes do Ensino Médio.

A forma de abordagem da pesquisa escolhida é a qualitativa, pois procura entender a dinâmica existente entre o mundo real e o sujeito. Os resultados focaram na construção do processo educacional, analisando os resultados obtidos através da descrição dos discursos. Pessoa (2012) destaca a importância da pesquisa qualitativa e da imersão do pesquisador na proposta, interagindo com o objeto estudado e adotando uma postura teórica-metodológica para decifrar os fenômenos.

A escolha da abordagem qualitativa está relacionada aos objetivos que se desejam alcançar, sendo a escolha mais adequada para estudos complexos que não exigem a quantificação, mas sim a análise e organização dos fenômenos estudados. (Pessoa, 2012). O pesquisador, utilizando essa forma de abordagem, precisa pensar em maneiras adequadas de pesquisa e análise das informações coletadas e, principalmente, ao realizar a

interpretação dos dados a partir do recorte espacial e do público estudado.

Nesta perspectiva os multiletramentos podem ser uma estratégia pedagógica interessante para o ensino de Geografia a partir dos mapas, pois:

A abordagem multiletrada sugere uma pedagogia para a cidadania ativa, centrada nos estudantes como agentes em seus próprios processos de conhecimento, capaz de contribuir com os seus próprios saberes, bem como negociar as diferenças entre uma comunidade e a próxima. [...] Talvez, ainda mais central para o caso dos multiletramentos hoje, seja a natureza mutável da vida cotidiana ao longo da última década. Estamos no meio de uma profunda mudança no equilíbrio da sociedade, em que, como trabalhadores, cidadãos e pessoas, somos cada vez mais obrigados a sermos usuários, jogadores, criadores e consumidores mais exigentes do que espectadores, delegados, público ou consumidores de uma modernidade anterior. Embora na ordem do dia, a sociedade de comando está sendo deslocada pela sociedade da reflexividade. (Cope & Kalantzis, 2009, p. 172-173) [Tradução nossa].

A Pedagogia dos Multiletramentos foi proposta pelo Grupo de Nova Londres, que desenvolveram o termo para evidenciar e destacar uma pedagogia que verse sobre a diversidade cultural e linguística dos estudantes e, por conseguinte, das diferentes formas de (re)significar os textos multimodais (e mapas) contemporâneos. “Essa diversidade manifesta-se na multimodalidade de linguagens [...], principalmente em sua faceta digital, as quais apresentam-se como textos escritos, imagéticos, gráficos, sonoros, cartográficos e tantos outros sistemas semióticos” (Lima, 2024, p.5). Em termos de Cartografia, esta pedagogia será atravessada pelas múltiplas formas de mapear, representar e (re)significar a linguagem dos mapas (Batista, Kaucz & Carvalho, 2025).

A prática multiletrada busca responder às demandas proporcionadas pelas novas linguagens e realidades do mundo globalizado, buscando orientar o porquê, o que e como ensinar. A abordagem dos multiletramentos surge como uma possibilidade de se discutir o novo contexto em que se insere a sociedade atual, objetivando um ensino crítico, ou como abordado por Batista (2019, p.55), no contexto do ensino de Geografia: “A Geografia precisa propor, fazer e vivenciar pois está em toda a parte. Viver é fazer Geografia”. Todavia, essa demanda não pressupõem um ensino encaixotado, mas sim, em trazer a multiplicidade de linguagens para a sala de aula, valorizando os mapas em suas formas de sensibilizar e permitir a compreensão do espaço. Esse estudo procurou então utilizar a proposta da Pedagogia dos Multiletramentos, de Cope & Kalantzis (2009), sendo organizadas por meio de estratégias, não necessariamente hierarquizadas, a saber: (a) Experimentação; (b) Conceitualização; (c) Análise; e (d) Aplicação, conforme abordado na metodologia da pesquisa.

Metodologia: estrutura da pesquisa e etapas de aplicação

Nessa abordagem, busca-se articular a prática dos multiletramentos à proposta desenvolvida, aproximando os mapas do cotidiano escolar e criando condições para que os estudantes reconheçam a cartografia como uma linguagem viva, sensível e dotada de intencionalidades. Essa integração possibilita não apenas o uso dos mapas como recurso ilustrativo, mas sua transformação em instrumento de leitura, interpretação e intervenção no espaço. Ao estabelecer vínculos entre as múltiplas linguagens presentes nos multiletramentos e as diferentes formas de representação cartográfica, amplia-se a capacidade dos alunos de compreender o espaço que habitam, percebendo-o como resultado de práticas, relações e disputas.

No processo de experimentação, a prática necessita estar articulada ao contexto de vida do aluno, partindo das ações e interesses do grupo em que se situa a escola. Os estudantes trazem conhecimentos de suas próprias vivências, que em suas relações culturais, na igreja, na comunidade, na família, nos meios de comunicação, impactam sua maneira de ver e compreender o mundo. Portanto, o conceito de “experenciarmos” parte da transformação das vivências cotidianas em contextos de aprendizado (Cope & Kalantzis, 2009).

A conceitualização vai além das práticas especializadas baseadas no ensino tradicional e nos livros didáticos. O processo de conceitualizar envolve uma participação ativa do aluno, no qual ele não apenas recebe o conhecimento, mas do qual ele é construtor do trajeto, participando ativamente do processo educacional

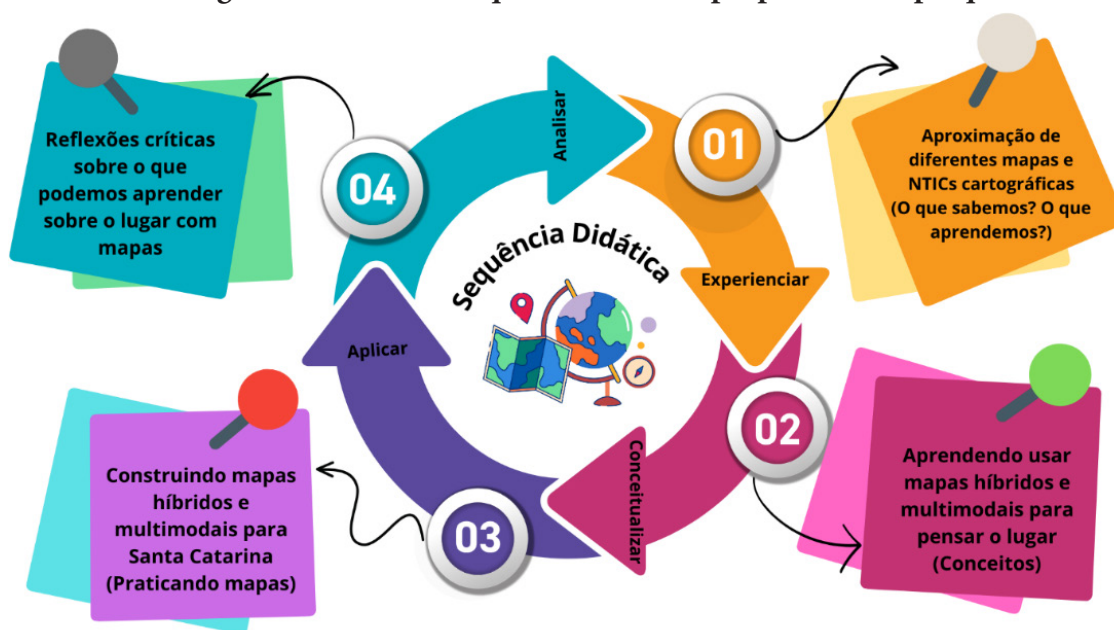
(Cope & Kalantzis, 2009). No sentido dos mapeamentos aqui abordados, todo o processo é colaborativo e parte da perspectiva do estudante, onde ele irá construir os próprios mapas sobre a realidade local em que se insere. Nesse sentido, o aluno trará suas vivências (processo de experimentação) para transformá-los, de maneira ativa no conhecimento conceitual formal (conceitualização).

O processo de análise envolve a capacidade crítica dos estudantes no contexto pedagógico. Analisar pode ser abordado de duas formas no contexto pedagógico, isto é, ser analítico funcional ou avaliativo em relação às formas de poder (Cope & Kalantzis, 2009). A construção dos mapas pelos estudantes procura envolver os estudantes no processo de escolha e análise do espaço em que vivem. A partir de suas próprias vivências, os estudantes poderão questionar os mapas, isto é, ser críticos, ao poderem escolher os processos e finalidades com que os mapas irão se transformando durante o processo.

O último processo dentro da proposição baseada na Pedagogia dos Multiletramentos envolve a aplicação. Todos os processos culminam nessa etapa, que se torna a prática transformada (Cope & Kalantzis, 2009). Esse processo ocorreu ao se repensar os mapas, transformar as perspectivas a partir da análise de diferentes linguagens. A interação entre diversas ferramentas, textos e cartografias envolveu uma transformação da própria visão do mapeamento.

Portanto aplicar culmina no processo de experimentação e transformação, também envolve o uso dos conhecimentos em “[...] situações complexas e diversificadas do mundo real, testando sua validade” (Cope & Kalantzis, 2009, s/p). Esse processo permite então aos estudantes testarem a validade do que aprenderam, além da relevância e conexão do saber ao seu próprio cotidiano. A prática é uma parte essencial de todo o processo de aprendizado. A Figura 2, sinteticamente, apresenta a sequência didática baseada na Pedagogia dos Multiletramentos pensada nesta pesquisa. Para os resultados apresentados, foi destacado um recorte da primeira etapa da pesquisa.

Figura 2: Síntese da sequência didática proposta nesta pesquisa



Org.: Autores, 2024

Esses processos demonstrados por Cope & Kalatzis (2009), e inspiradores da proposição aqui elencada, não devem ser encarados como um guia restrito de como deve se dar o processo educacional, mas justamente o oposto, destacar a dinamicidade do processo educacional, colocando os alunos como ativos no processo e capazes de aplicar o conhecimento a partir da conexão com suas vivências e seu mundo. Os mapas passam, assim, a ocupar um papel formativo profundo, permitindo que os estudantes mobilizem suas experiências e suas observações do cotidiano para construir representações próprias de seus lugares de vida. Esse processo estimula o desenvolvimento do pensamento geográfico ao mesmo tempo em que favorece uma postura mais crítica diante do mundo. Ao utilizarem a Cartografia para interpretar de maneira crítica o lugar em que vivem,

os estudantes percebem-se como sujeitos capazes de narrar, compreender e transformar seus territórios, ampliando o potencial pedagógico dos mapas e reforçando o caráter emancipatório da Geografia escolar.

Reitera-se também que, partindo das ideias de Castellar (2000), ensinar a ler, em Geografia, significa criar condições para que a criança leia o espaço vivido. Ensinar a ler Geografia envolve também em construir a Geografia. A Geografia, como a ciência que estuda o espaço geográfico, é uma ferramenta imprescindível para os educandos na formação de pessoas críticas e atentas ao cotidiano local. Oportunizar o acesso a essas ferramentas é uma das funções da escola.

A disciplina de Geografia faz parte dos componentes curriculares dos estudantes durante toda sua trajetória de estudo, desde os anos iniciais do Ensino Fundamental até o Ensino Médio. Porém, a construção de habilidades de leitor ativo do mundo espacial já se encontra defasadas na primeira etapa de ensino escolar. Gonçalves e Lopes (2008) apontam que, infelizmente, até os dias atuais, ainda encontramos propostas curriculares em escolas brasileiras cujos conteúdos geográficos são repassados aos educandos de forma desarticulada e fragmentada, tendo como prática fundamental a memorização, separando Geografia Humana da Geografia Física, tendo maior preocupação com conteúdo conceituais do que com os procedimentais.

No mesmo estudo, os pesquisadores destacam que se torna essencial pensar tanto em uma alfabetização quanto em um letramento geográfico, reconhecendo a importância de envolver o educando com conceitos, procedimentos e habilidades próprias da Geografia desde o início da escolarização (Gonçalves & Lopes, 2008). É nesse horizonte que surge a noção de alfaletramento geográfico apresentada por Lima (2024), entendida como a capacidade de ler o mundo e também de construí-lo, utilizando ferramentas, técnicas e linguagens que permitam compreender processos, relações e inter-relações que se articulam da escala do lugar às escalas mais amplas.

Nesse contexto, Azevedo & Olanda (2018) evidenciam que muitos estudantes ainda não conseguem relacionar os conteúdos de Geografia ao seu cotidiano, o que revela uma distância entre o que se ensina e o que os alunos experienciam. Mesmo com os avanços recentes no campo da Geografia Escolar, permanece em muitas salas de aula uma prática centrada na memorização e no uso exclusivo do livro didático, sem explorar plenamente recursos e linguagens capazes de ampliar a reflexão crítica dos estudantes.

Diante disso, a aplicação deste estudo busca justamente enfrentar essa lacuna. Mais do que responder ao problema de pesquisa central, procuramos compreender se os alunos conseguem refletir e relacionar de maneira crítica os conteúdos de Geografia do Ensino Médio ao seu contexto local. Pergunta-se também se o uso de tecnologias digitais pode auxiliar o estudante a se reconhecer como participante e construtor do espaço em que vive.

Entretanto, construir mapas digitais ainda representa um desafio para grande parte dos estudantes. Embora estejam habituados ao ambiente digital, seu contato tende a ocorrer de forma passiva, principalmente como usuários de redes sociais, o que não implica necessariamente domínio das ferramentas de criação cartográfica. Nesse sentido, cabe à escola ampliar essas possibilidades, sobretudo no ensino de Geografia, em que as tecnologias digitais desempenham papel cada vez mais central para compreender, representar e analisar o espaço geográfico. Na próxima seção, apresentamos os resultados preliminares da aplicação desse estudo em sala de aula.

Resultados e Discussão

O professor pode selecionar mapas para a análise de uma situação geográfica ou orientar os estudantes na busca por essas representações, ampliando a autonomia investigativa. Também é possível propor a construção de mapas, nos quais um tema específico é representado conforme o objeto de conhecimento em estudo. Essa abordagem dialoga com a proposta de Kaucz e Batista (2025), para quem os mapas híbridos e multimodais ampliam as possibilidades de leitura e produção do espaço ao integrarem diferentes linguagens, mídias e práticas colaborativas.

Com esse entendimento, os multiletramentos tornam-se uma estratégia pedagógica especialmente pertinente ao ensino de Geografia, pois essa prática busca responder às demandas oriundas das novas linguagens e realidades do mundo globalizado, orientando o porquê, o que e como ensinar. Cope & Kalantzis (2009) propuseram organizar o processo de aprendizagem multiletrada em quatro tipos de prática, não hierarquizadas:

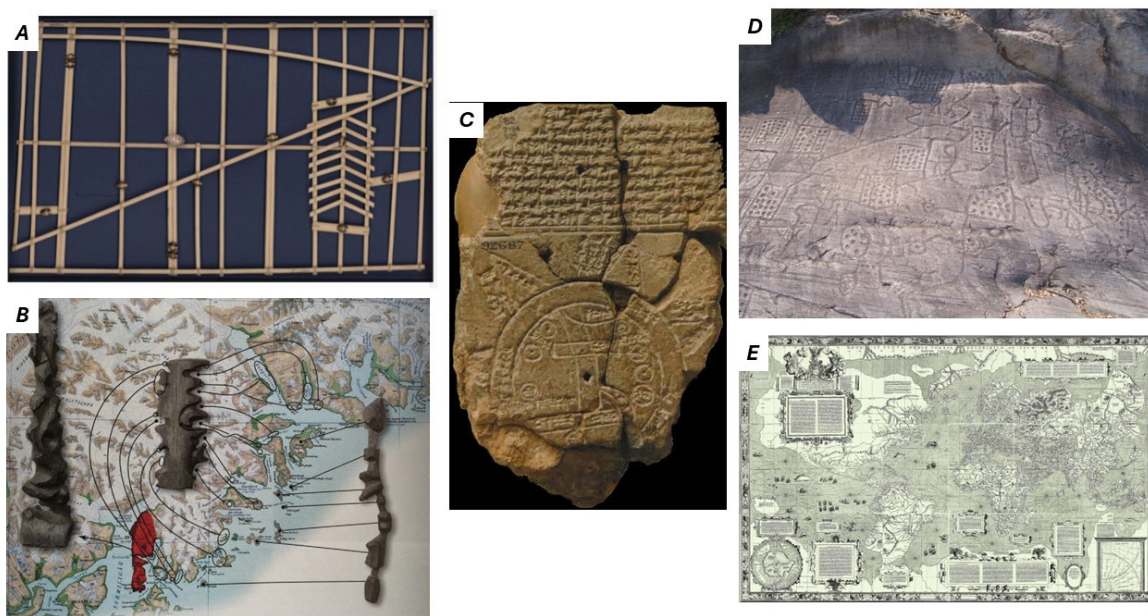
experimentação, conceitualização, análise e aplicação. Relacionamos essa abordagem à proposta aqui construída, que aproxima os mapas do cotidiano escolar para favorecer uma compreensão crítica do espaço vivido, conforme também discutido por Kaucz e Batista (2025) ao refletirem sobre o potencial pedagógico dos mapas híbridos no contexto da Educação Básica.

O conceito de multiletramentos deve, portanto, ser analisado em sua pluralidade teórica e prática, contemplando dimensões interativas, multissemióticas, multiculturais e multimodais, sendo compreendido como expressão educacional da fluidez e complexidade da sociedade contemporânea (Batista, 2019; Rojo, 2012; Rojo, 2013). Nesse sentido, abordamos o mapa em sua multimodalidade e hibridismo, uma vez que sua produção envolve práticas colaborativas, abertas e compartilhadas, realizadas por diferentes autores que articulam distintas ferramentas e linguagens. Os mapas digitais constituem uma nova forma de representar e compreender o mundo, exigindo multiletramentos e processos coletivos de criação, dado que quem organiza o mapa nem sempre é quem produziu a base de dados como já apontado por Batista (2019) e reforçado por Kaucz e Batista (2025) ao discutirem os desafios e potencialidades dessa prática na escola.

O estudo foi submetido à avaliação do Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos (CEPE), da UFSM, obtendo o Certificado de Apresentação para Apreciação Ética (CAAE) número 87778725.0.0000.5346. Durante toda a apresentação das etapas de pesquisa com os estudantes, foram abordadas precauções quanto à confidencialidade dos dados de todos os participantes envolvidos, além de assegurar que a participação era voluntária, não acarretando em nenhum prejuízo a desistência da participação nos estudos, por qualquer motivo. Além disso, foram lidos os Termos de Consentimento Livre e Esclarecido para os estudantes para obter sua autorização, bem como o Termo de Assentimento para autorização dos pais ou responsáveis dos estudantes envolvidos no estudo.

A primeira etapa da proposta teve como foco despertar nos estudantes uma percepção mais sensível e reflexiva sobre a presença dos mapas em seu cotidiano. Essa sensibilização começou com a apresentação de mapas antigos (Figura 3), muitos deles marcados por formas de ver o mundo que contrastam com a perspectiva cartesiana mais difundida hoje. Essa apresentação consistiu na apresentação de slides, com uso do projetor, que permitiu aos alunos a visualização dos mapas exemplificados. Ao observar essas representações, os alunos foram convidados a perceber que os mapas não apenas informam, mas também revelam intenções, visões de mundo e escolhas culturais. A atividade culminou em um questionário que buscou registrar essas primeiras impressões. As respostas ofereceram um retrato inicial importante, permitindo compreender como os estudantes já se relacionavam com a linguagem cartográfica e ajudando a orientar as ações das etapas seguintes.

Figura 3 – Exemplos de mapas antigos utilizados na apresentação



Fonte: (A) Marshall Islands stick chart <<https://tinyurl.com/yynf39cz>> (B) Mapa de Madeira dos Inuit. <<https://tinyurl.com/yfyax7e2>> (C) Mapa do Mundo – Babilônia (700-500 a.C.) <<https://tinyurl.com/y25r5vte>> (D) Vista da pedra do mapa de Bedolina <<https://tinyurl.com/mrb5f6fr>> (E) Mercator, Mapa do Mundo – Nova et Aucta Orbis Terrae Descriptio ad Usum Navigatium Emendate, 1569 <<https://tinyurl.com/3e995vrf>> Acesso em: 3 fev. 2026.

Participaram dessa fase 26 estudantes de uma turma da 2ª série do Ensino Médio de uma escola estadual situada na região central do município de Timbó. Trata-se de uma instituição que recebe jovens de diferentes bairros da cidade, além de alunos provenientes de municípios vizinhos, o que confere ao grupo uma diversidade de vivências espaciais. O questionário foi respondido durante uma aula realizada na sala de informática, em um ambiente que favoreceu tanto a concentração quanto a exploração mais livre das ferramentas digitais disponíveis. Para isso, utilizou-se a plataforma Canvis.

O Canvis é uma plataforma online destinada ao mapeamento colaborativo e apresenta, logo em sua página inicial, sua proposta de funcionar como um espaço de criação de mapas interativos voltado à pesquisa, à coleta de dados, à participação pública e ao planejamento urbano. Sua lógica é simples e poderosa: qualquer pessoa pode criar seus próprios mapas e abrir espaço para contribuições de outros usuários. Estudos recentes já vêm explorando a plataforma como instrumento de investigação e intervenção, como mostram os trabalhos de Petsch, Batista, Habowski, Altermann & Silva (2022) e de Silva, Rizzatti & Batista (2024).

O projeto desenvolvido no Canvis foi estruturado em três etapas principais, conforme apresentado na Figura 4: a apresentação do projeto, em que os estudantes compreendiam o objetivo e o funcionamento da atividade; a página de mapeamento, onde podiam inserir suas contribuições; e, por fim, a seção de agradecimentos e mensagem final, que encerrava a experiência e reforçava o caráter participativo do processo. Para a aplicação de todas as etapas, desde a apresentação da proposta à realização do questionário no Canvis, foram necessárias três aulas, sendo uma realizada na sala de informática.

Figura 4 – Primeira e segunda etapas no Canvis



Organização: Autores (2025)

Para responder ao questionário, os estudantes foram convidados a iniciar a atividade marcando no mapa o local aproximado onde vivem. Esse primeiro gesto, simples e familiar, serviu como ponto de partida para uma série de questões objetivas e discursivas que os conduziram a refletir sobre sua relação com o ensino de Geografia, sobre como os mapas fazem parte de seu cotidiano e sobre o entendimento prévio que possuíam a respeito dos conceitos de mapas multimodais e híbridos. A proposta buscou fazer com que cada aluno partisse de seu próprio lugar no mundo para pensar o mapa não apenas como um recurso escolar, mas como uma linguagem que atravessa experiências, deslocamentos e percepções do espaço vivido. O Quadro 1 organiza, de forma sistemática, a sequência das perguntas apresentadas no questionário disponibilizado pela ferramenta Canvis, evidenciando a estrutura que orientou essa primeira etapa investigativa.

Quadro 1 – Questionário aplicado no Canvis.

Eu moro aqui (ponto marcado)
Nome do aluno:
Idade:
Gênero: Masculino Feminino Outro (especificar):
Qual sua opinião sobre o Ensino de Geografia na escola? Interessante Desinteressante Não Sei/Não tenho opinião
De que forma você avalia seu aprendizado em Geografia, durante toda sua trajetória escolar? Muito bom Bom Regular Ruim Muito ruim
Como você avalia o uso de mapas em seu cotidiano? Muito relevante Relevante Neutro Irrelevante Muito irrelevante
De que forma o aprendizado em Geografia é relevante para você?
Se você pudesse criar um mapa, sobre o lugar onde vive ou espaços de convivência, que tipo de mapa você gostaria de produzir?
Explique qual seu entendimento sobre mapas híbridos e multimodais.
Você já usou algum aplicativo de mapas (como Google Maps, Waze, outros.)? Sim Não
Se a resposta anterior for “Sim”, para que finalidade?
Você consegue localizar sua casa ou bairro em um mapa com facilidade? Sim Mais ou menos Não
Na sua opinião, aprender a ler e interpretar mapas ajuda a entender melhor o mundo? Sim Não Não sei
Você já desenhou algum mapa? (Múltipla escolha) Sim, na escola Sim, fora da escola Não
Quais tipos de mapas você conhece? (múltipla escolha) Mapas políticos Mapas físicos Mapas temáticos (clima, população, entre outros) Mapas digitais Nenhum
O que você acha mais fácil em um mapa? Localizar lugares Entender distâncias Ver legendas e símbolos Nada é fácil para mim
Você prefere mapas em papel ou mapas digitais? Porquê?

Você já viu ou criou mapas com imagens, vídeos ou sons? O que achou dessa experiência?
Se você pudesse representar seu bairro ou cidade em um mapa, o que não poderia faltar?
Como os mapas podem ajudar na resolução de problemas da sua comunidade (como transporte, segurança ou meio ambiente)?

Organização: Autores (2025).

As respostas ao questionário permitiram identificar como os estudantes enxergam a cartografia e o uso dos mapas no cotidiano, além de revelar como se relacionam com o ensino de Geografia em seu percurso escolar. O grupo que participou da atividade era formado por 26 adolescentes, com idades entre 16 e 17 anos, matriculados na 2ª série do Ensino Médio regular de uma escola pública do município de Timbó. A turma é composta por jovens que vivem em diferentes bairros da cidade, e também por alguns que se deslocam diariamente de municípios vizinhos. Pela marcação do local de residência no Canvis foi possível visualizar essa distribuição: Imigrantes (7), Dona Clara (4), Capitais (4), Nações (4), Padre Martinho Stein (1), Estados (1), Quintino (1) e Vila Germer (1). Entre os que não residem em Timbó, dois estudantes moram em Rodeio e um em Rio dos Cedros. Essa diversidade espacial ajudou a compor um retrato mais amplo das vivências e percepções do grupo.

A primeira questão diretamente relacionada ao ensino de Geografia buscou compreender a opinião dos estudantes sobre a disciplina na escola. Todos afirmaram considerá-la interessante, o que sinaliza uma disposição positiva diante do tema. No entanto, ao serem convidados a avaliar o próprio aprendizado ao longo da trajetória escolar, as respostas passaram a exibir nuances importantes. Entre os 26 estudantes, oito classificaram a experiência como “muito boa”, doze como “boa” e seis como “regular”. Essa variação mostra que, embora a Geografia desperte interesse, nem todos se percebem plenamente atendidos em seu processo de aprendizagem, o que pode refletir tanto as metodologias vivenciadas quanto suas próprias relações com a disciplina.

O item 6 buscou identificar a relevância atribuída pelos alunos aos mapas em seu cotidiano. Apenas três estudantes assinalaram que os mapas são “muito relevantes”, enquanto dez os consideraram “relevantes” e treze marcaram a opção “neutro”. À primeira vista, isso poderia sugerir um distanciamento entre os jovens e o uso de mapas. No entanto, ao observar as respostas dos itens 10 e 11, emergiu uma contradição reveladora. Todos os estudantes que marcaram “neutro” afirmaram já ter utilizado mapas em sua rotina, principalmente por meio de aplicativos como Uber e Google Maps ou em situações de viagem e deslocamento. Nos relatos mais detalhados, apareceram respostas como “para se localizar”, “para viajar” e “no Uber”. Esses depoimentos mostram que, embora o uso dos mapas seja frequente, muitos estudantes não o reconhecem como tal, possivelmente por associarem o mapa apenas ao modelo tradicional em papel ou aos conteúdos escolares.

A questão 7 buscou compreender o significado atribuído à Geografia. A maioria reconheceu a disciplina como importante, especialmente por auxiliar na compreensão de fatores locais e de aspectos do espaço vivido. Entre as respostas, apareceram comentários como “ajuda na localização e geopolítica”, “é bom porque posso aprender lugares novos” e “com o estudo de Geografia conseguimos conhecer diversos lugares e culturas”. Outros estudantes expressaram a importância da disciplina de maneira menos elaborada, como “é importante mas não sei explicar” ou “importante para saber a história e as especificações dos lugares”. A análise desse conjunto reforça que os estudantes tendem a relacionar a Geografia a funções práticas, frequentemente sem detalhar as categorias analíticas do pensamento geográfico, como localização, distribuição, extensão, distância, posição e escala, conforme aponta Cavalcanti (2019).

Quando convidados a imaginar que tipo de mapa gostariam de criar caso pudessem representar sua realidade e seus espaços de vivência, a grande maioria mencionou “mapas digitais”. Essa preferência dialoga diretamente com os itens 15 e 17, nos quais os estudantes afirmaram conhecer e preferir mapas digitais em relação aos mapas impressos. Nas justificativas, apareceram explicações como “o digital tem mais especificações” ou “é mais tecnológico e de fácil entendimento”. A presença cotidiana dos mapas digitais, especialmente em aplicativos, redes sociais e jogos, parece influenciar essa preferência, aproximando-os de linguagens que já lhes são familiares. Essa tendência também se articula com os objetivos deste estudo, que propõe justamente a produção de mapas digitais que dialoguem com os espaços vividos pelos estudantes.

O questionário também investigou a facilidade de localizar a própria casa ou o bairro em um mapa. Dezenove estudantes afirmaram realizar essa tarefa com facilidade, enquanto sete disseram conseguir “mais

ou menos”. Durante a aplicação do questionário no Canvis, observou-se que alguns alunos pediram ajuda aos colegas para marcar seus endereços, o que indica que, embora tenham condições de realizar a atividade, ainda necessitam de algum apoio para interpretar o mapa digital com segurança.

Os itens finais, 17, 18 e 19, procuraram compreender a relação dos estudantes com a criação de mapas e sua capacidade de relacionar o ato de mapear à solução de problemas na comunidade. A maioria afirmou já ter desenhado mapas, especialmente no formato mental ou em papel, como é comum na cartografia escolar. No entanto, a maior parte declarou nunca ter produzido mapas que incorporassem elementos como imagens, vídeos ou sons. Essa ausência indica que muitos estudantes tiveram pouco contato com formas híbridas e multimodais de cartografia, limitando-se a práticas mais tradicionais realizadas em sala de aula. Ainda assim, houve curiosidade e interesse em experimentar novas formas de mapear, como expressaram em relatos como “já vi e até gostei, achei interessante” e “não, nunca fiz, mas a ideia parece interessante”.

Essas respostas nos permitem traçar uma leitura inicial sobre de onde partimos e para onde vamos, dentro do processo dos multiletramentos apresentado nessa proposta. Compreender a visão do aluno acerca da Geografia, dos mapas, e de suas próprias experiências cotidianas relacionadas à Geografia possibilitam o avanço para as demais etapas do estudo: Conceitualização, Análise e Aplicação. Dessa forma, dentro da prática da Pedagogia dos Multiletramentos, a Experimentação contribuiu para a sensibilização dos estudantes em relação ao que está sendo estudado, situando no cotidiano vivido deles, permitindo a reelaboração das etapas seguintes, agora tendo como ponto de partida os estudantes e seus entendimentos acerca da Cartografia escolar.

Nesse contexto, na sua relação com a educação, a cartografia é entendida não apenas como possibilidade de facilitar a aprendizagem de determinado fenômeno geográfico ou conceito e noção espacial, mas sim como possibilidade de imaginar e criar outros mapas, outras cartografias, que sejam capazes de nos fazer construir também outros espaços, outras geografias. (Canto, 2014, p.39)

Os dados analisados nessa etapa de experimentação revelam um quadro bastante significativo. Embora os estudantes utilizem mapas com frequência em seu cotidiano, principalmente por meio de aplicativos digitais, esse uso permanece fortemente associado à funcionalidade imediata, como deslocamentos, localização ou mobilidade urbana. A dimensão crítica, interpretativa e criativa do ato de mapear, central para a formação do pensamento geográfico, aparece ainda pouco desenvolvida. Esse diagnóstico ilumina o ponto de partida da pesquisa e dialoga diretamente com a perspectiva apresentada por Canto (2014, p. 39), para quem a Cartografia Escolar deve ser compreendida como “possibilidade de imaginar e criar outros mapas, outras cartografias”. Em outras palavras, mapear vai muito além de registrar trajetos; envolve imaginar e representar espacialidades que expressam experiências, conflitos, memórias e percepções múltiplas do território.

À luz desse entendimento, torna-se evidente que os estudantes se encontram entre dois polos complementares. De um lado, fazem uso instrumental e prático dos mapas, reconhecendo neles funções úteis ao cotidiano. De outro, demonstram curiosidade e abertura para explorar novas linguagens cartográficas, especialmente as digitais, que lhes permitem experimentar formas de autoria e expressão mais próximas de suas vivências. Essa tensão entre uso funcional e desejo de criação abre um espaço fecundo para o trabalho pedagógico.

Assim, a investigação segue para as etapas seguintes articulada por essa constatação inicial. A proposta passa a considerar justamente esse intervalo entre o que os estudantes já fazem com os mapas e o que ainda não tiveram oportunidade de explorar. O caminho metodológico busca fomentar a autoria, estimular a reflexão crítica e ampliar a sensibilidade cartográfica, convidando os alunos a pensar os mapas como representações que produzem sentidos sobre o espaço. Dessa forma, procura-se potencializar o caráter formativo da cartografia escolar, aproximando os estudantes de práticas que lhes permitam imaginar, narrar e transformar seus próprios territórios.

Considerações Finais

As reflexões desenvolvidas ao longo deste trabalho mostram que a Cartografia Escolar, quando dialoga

com práticas multiletradas, abre possibilidades ricas para repensarmos o papel da linguagem cartográfica no ensino de Geografia. Este texto é um ensaio sobre o caminho que temos trilhado ao aproximar as práticas multiletradas da Cartografia Escolar. Observamos que diferentes ações e discussões têm emergido desse movimento que relaciona mapas e outras cartografias às linguagens, aos modos de comunicação e aos processos de resignificação de saberes e fazeres presentes no cotidiano escolar. Com isso, fica evidente que pensar o mapa exige considerar suas múltiplas interfaces, camadas culturais e formas de expressão que ajudam a ampliar o entendimento sobre lugar, paisagem, região, território e espaço.

Os resultados da etapa de experimentação revelaram que, mesmo convivendo cotidianamente com mapas digitais, a maior parte dos estudantes ainda os utiliza de forma muito prática, sem explorar suas dimensões críticas e criativas. Ao propor a construção de mapas híbridos e multimodais, percebemos um deslocamento importante: os alunos passaram a assumir o papel de autores, capazes de representar o espaço a partir de suas experiências, memórias, percepções e inquietações. Esse processo ativou dimensões sensíveis e culturais da cartografia que raramente aparecem nas práticas escolares mais tradicionais. Quando os estudantes se reconhecem como criadores de mapas, o espaço vivido ganha novos sentidos e a Geografia se aproxima mais do cotidiano, tornando-se parte do que eles veem, sentem e interpretam no mundo.

A consolidação dessa temática ainda exige um longo percurso. Haverá debates, articulações e aprofundamentos teóricos, metodológicos e vivenciais que vão fortalecer sua presença na escola. Mesmo assim, as primeiras palavras já foram ditas. O desafio está lançado. Uma narrativa mais ampla começa a se construir, e ela certamente alimentará novas reflexões e tensionamentos sobre como integrar a diversidade de linguagens e a multiculturalidade na produção dos saberes e fazeres da Cartografia Escolar.

Diante do caráter aplicado da pesquisa, os resultados que apresentamos são apenas um ponto de partida. Eles mostram que repensar a cultura cartográfica escolar, estimular a autoria discente e compreender o mapa como linguagem viva e próxima da realidade dos alunos é um caminho necessário. Pensar multiletramentos na Cartografia é também pensar em outras geografias possíveis, mais críticas, mais participativas e mais conectadas ao que os estudantes vivem e observam no mundo. Ao concluir este percurso inicial, reforçamos que a escola tem um papel essencial na abertura dessas possibilidades. E que os mapas, em toda sua diversidade e potência criativa, continuarão sendo ferramentas fundamentais para formar leitores ativos do espaço e produtores conscientes de suas próprias geografias.

Créditos

Douglas Kaucz - pesquisa, escrita original, revisão

Natália Lampert Batista - Supervisora, revisão final

Referências

Azevedo, M. O., & Olanda, E. R. (2018). O ensino do lugar: reflexões sobre o conceito de lugar na Geografia. *Ateliê Geográfico*, 12(3), 136–156. <https://revistas.ufg.br/ateli/article/view/57540/32762>

Batista, N. L. (2019). Cartografia escolar, multimodalidade e multiletramentos para o ensino de geografia na contemporaneidade [Dissertação de mestrado, Universidade Federal de Santa Maria].

Batista, N. L., Becker, E. L. S., & Cassol, R. (2019). Multiletramentos e multimodalidade na cartografia escolar para o ensino de geografia: Considerações gerais. *Para Onde!?*, 12(2), 1–10.

Batista, N. L., Kaucz, D., & Carvalho, L. C. de. (2025). Para pensar práticas multiletradas na cartografia escolar: Por onde estamos caminhando? In II Seminário Binacional da Rede de Pesquisa em Cartografia Escolar (GT 1 – Fundamentos Teóricos da Cartografia Escolar). Anais.

Canto, T. S. (2014). Práticas de mapeamento com as tecnologias digitais: Para pensar a educação cartográfica na contemporaneidade [Dissertação de mestrado, Universidade Estadual Paulista].

- Castellar, S. M. V. (2000). Alfabetização em Geografia. *Espaços da Escola*, 10(37), 29–46.
- Cavalcanti, L. de S. (2019). *Pensar pela geografia: Ensino e relevância social*. C&A Alfa Comunicação.
- Cope, B., & Kalantzis, M. (2009). Multiliteracies: New literacies, new learning. *Pedagogies: An International Journal*, 4, 164–195.
- Franco, J. R. *Cartografias criativas: da razão cartográfica às mídias móveis*. – 1. ed. – Curitiba: Appris, 2019.
- Godoi, G. A. de, & Olivieira, F. N. (2023). A compreensão do conhecimento social de lugar: Contribuições da metodologia ativa sob enfoque piagetiano. *Revista Brasileira de Educação em Geografia*, 13(23), 5–26.
- Gonçalves, T. R. P., & Lopes, J. J. M. (2008). Alfabetização geográfica nos primeiros anos do Ensino Fundamental. *Revista Instrumento*, 10, 45–52.
- Gracioli, J. M. A. (2017). *Multiletramentos e leitura de mapas no ensino de Geografia* [Dissertação de mestrado, Universidade do Triângulo Mineiro].
- Kaucz, D., & Batista, N. L. (2025). Multiletramentos na escola: Para pensar os mapas híbridos e multimodais como estratégia pedagógica para ensino de Geografia em Rio dos Cedros, SC. In *Anais do XII Seminário de Pós-Graduação em Geografia* (Pelotas, RS).
- Lima, J. C. (2024). Alfaletramento cartográfico: Uma contribuição à pedagogia dos multiletramentos. *Revista Signos Geográficos*, 6, 1–25.
- Lobato, R. B. (2020). *Multiletramento na cartografia* [Tese de doutorado, Universidade Federal do Rio de Janeiro].
- Pessoa, V. L. S. (2012). Geografia e pesquisa qualitativa: Um olhar sobre o processo investigativo. *Geo UERJ*, 1(23), 4–18. <https://www.e-publicacoes.uerj.br/geouerj/article/view/3682>
- Petsch, C., Batista, N. L., Habowski, J. T. V., Altermann, F. A., & Silva, G. M. da. (2022). Mapeamento colaborativo como estratégia de ensino de cartografia: Um relato de experiência com o aplicativo Canvis. *Revista Ensino de Geografia (Recife)*, 5(1), 96–114. <https://periodicos.ufpe.br/revistas/ensinodegeografia/article/view/251657>
- Rizzatti, M., Spironello, R. L., Biz, A. C., & Lima, V. A. de. (2025). Cartografia escolar, ensino de Geografia e formação de professores no Brasil: estado do conhecimento das teses defendidas entre 2000 e 2024. *Revista Signos Geográficos*, 7, 1–26. <https://doi.org/10.5216/signos.v7.84010>
- Rujo, R. (Org.). (2012). *Multiletramentos na escola*. Parábola.
- Savian, C. P. (2025). *CartografiaS – Desigualdades socioespaciais e cotidiano na cidade de São Borja/RS: A construção de um mapeamento participativo do bairro do Passo* [Dissertação de mestrado, Universidade Federal de Santa Maria].
- Silva, R., Rizzatti, M., & Batista, N. (2024). Múltiplas linguagens no ensino de Geografia: Relato de práticas pedagógicas na Escola Municipal de Ensino Fundamental Santo Antônio, Agudo, RS. *Estrabão*, 5(1), 369–380. <https://revista.estrabao.press/index.php/estrabao/article/view/261>
- Simielli, M. E. R. (1999). Cartografia no Ensino Fundamental e Médio. In A. F. A. Carlos (Org.), *A geografia na sala de aula* (pp. 92–108). Contexto.